

Sarney garante que dará posse ao eleito em 88

Neto Rodrigues

Goiania — "Vou fazer tudo para viabilizar as eleições diretas em 1988", afirmou o presidente José Sarney, em entrevista concedida na área do cemitério atômico, a 20 km do centro da capital de Goiás, respondendo a pergunta sobre se realmente considerava irreversíveis as eleições presidenciais no próximo ano. Antes de responder a indagação do repórter, o presidente frisou que não falaria sobre questões políticas, emendando: "Mas essa pergunta vou responder".

"Estou pronto a apoiar a decisão da Assembleia Nacional Constituinte — disse, insistindo que, se a Constituinte decidiu por eleições diretas, ele tudo fará para viabilizá-las, e reforçou: "Minha responsabilidade é com a transição democrática".

Disse que pouco antes, conversando com os governadores, havia afirmado que, do ponto de vista político, nenhum governo brasileiro foi mais democrático ou teve mais liberdade que o seu.

"Não falo em liberdade e democracia. Tenho praticado, com meu exemplo e minha tolerância — insistiu, encerrando.

Ainda no aeroporto, o deputado José Sarney Filho, que integrava a comitiva presidencial na visita a Goiânia, fez questão de enfatizar que "o presidente (seu pai) depois da decisão da Constituinte pelo mandato de quatro anos, ficou mais tranquilo e sereno para realizar seu projeto de Governo".

"O mandato de cinco anos foi uma decisão da Aliança Democrática, que o presidente acatou. A constituinte é soberana para decidir a data das novas eleições presidenciais. O presidente acatará sua decisão" — encerrou Sarney Filho, recusando-se a nomear qual

será o seu candidato a Presidente da República: "São tantos os candidatos. É preciso pensar muito para decidir né?"

"Honra"

O ministro Costa Couto, chefe do Gabinete Civil, assegurou, ontem durante o desembarque do presidente da República que retornava de Goiânia, que José Sarney não tem candidato à sua sucessão, mas fixadas as eleições em 1988, ele passará o cargo "com muita honra" ao político eleito.

Indagado se o presidente já tem candidato à sua sucessão, Costa Couto disse apenas que "ele não manifestou nenhuma preferência. A preocupação do presidente da República é fazer um bom governo".

Em seguida, uma repórter insistiu: "Mas ele tem um partido (Sarney é o presidente de honra do PMDB) e como fica o partido?" O ministro, então, explicou que o presidente não analisou ainda este aspecto e está no momento dedicado às tarefas administrativas do seu Governo. "Ele tem que dialogar com as lideranças, o que está fazendo", reforçou Costa Couto.

O ministro manifestou ainda sua esperança que o presidente do PMDB, da Constituinte e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, assumira a Presidência da República durante a viagem do presidente Sarney ao México, marcada para o dia 26 deste mês. Costa Couto revelou também que recebeu, ontem pela manhã, um telefonema do presidente de Portugal, Mário Soares, que desejava saber sobre o estado de saúde de Ulysses. O deputado foi submetido a uma desobstrução da coronária na segunda-feira.

Presidente se emociona

Na sua primeira aparição pública após ter sido derrotado com mandato de quatro anos, votado pela Comissão de Sistematização, o presidente José Sarney viveu ontem um dia de grandes emoções em Porangatu e Goiânia, quando foi aplaudido, chorou e mais uma vez prometeu dedicar-se, a partir de agora, aos problemas administrativos do Brasil.

As emoções começaram em Porangatu, onde o Presidente desembarcou de um avião Búfalo, num campo de pouso distante da cidade. Duas mil pessoas aguardavam Sarney. Elas foram a pé, de bicicleta ou em carro próprio. Era feriado na cidade e Porangatu, que cresceu a partir da construção da Belém-Brasília, acordou às seis da manhã com fogos de artifício, semelhantes aos fogos que festejam a "Festa do Divino", tradição na região.

Da pista de pouso até o centro de exposições, Sarney foi aplaudido e no palanque, recebeu o título de cidadão porangatuense das mãos do prefeito que, em seu discurso, comparou Sarney ao presidente Juscelino Kubitschek, ao lado da deputada Márcia Kubitschek que não sabia se aplaudia ou acompanhava os discursos que falavam de seu pai.

Lágrimas

O discurso do governador Santillo, de Goiás, foi longo. Sarney chegou a se incomodar algumas vezes, observando as nove páginas do discurso. Em seguida, diante das faixas alaranjadas pedindo "Reforma Agrária Já", o presidente da República começou seu discurso. Um minuto depois, quando se referiu à liberdade política de seu Governo, Sarney, bastante emocionado, começou a chorar.

A emoção aumentou e preocupou o médico da presidência da República, coronel Messias Araújo. Ele chegou a temer qualquer distúrbio. "Fiquei de olho", disse depois o doutor Messias, que sempre acompanha Sarney em seus deslocamentos.

Depois de dizer que a ferrovia Norte-Sul seria construída contra qualquer campanha dos que se opõem à estrada, Sarney foi novamente aplaudido e, já no final do discurso, ao repetir a expressão tradicional de seus pronunciamentos ("brasileiros e brasileiras"), a emoção chegou ao máximo e o Presidente não mais segurou as lágrimas.

Já em Goiânia, onde chegou às 13h00, Sarney foi novamente saudado. Passistas de escola de samba aguardavam o Presidente. As manifestações se misturavam. Alguns gritavam o slogan da campanha pelas diretas de 1984: "O povo quer votar, diretas já". Sarney, entretanto, não percebeu o cartaz e seguiu para a rua 63, número 179, na primeira casa contígua ao Césio-137. Conversou com os moradores da casa, em cujo quintal se localizava o ferro velho de onde se espalhou o Césio. Acompanhado por Dona Marly Sarney, o Presidente fez questão de dizer que não há mais problemas em Goiânia e criticou a discriminação sofrida por aquele Estado.

Pouco depois das 16h00, o Presidente voltou a Brasília e Sarney Filho (PFL-MA), no ônibus da comitiva em Goiânia, comentava: "Ele precisa sair mais de Brasília para saber que o povo gosta dele. Brasília é fechada e ele gosta de palanque".

Retaliação não atinge Archer

O presidente José Sarney deu demonstrações práticas de que não pretende incluir os ministros Renato Archer e Luiz Henrique — os mais ligados ao PMDB e ao presidente Ulysses Guimarães — na lista das demissões em represália ao fato de a maioria do partido ter ficado a favor dos quatro anos de mandato. Os dois foram convidados a participar de uma viagem com Sarney, no próximo dia 3 de dezembro. O convite foi feito pelo ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, e ratificado depois pelo próprio Presidente.

A antecipação do convite, segundo revelou um interlocutor de Sarney, visa a encerrar a série de boatos de que as retaliações atingiram os dois maiores amigos de Ulysses no ministério. Sarney considerou "absurdas" essas especulações e também a de que teria se negado a falar com Ulysses por telefone no domingo. Desde que o presidente da Constituinte e do PMDB começou a sentir-se mal, Sarney já conversou com ele quatro vezes, duas das quais em telefonemas ao Instituto do Co-

ração logo ao Congresso. Segundo um assessor de Sarney, o simples retardamento desse processo já significaria que o ministro estaria desprestigiado no Governo.

Sarney deu outra demonstração em relação a Archer: sua mulher, D. Maria da Glória, foi convidada pela primeira-dama, D. Marly, a integrar a comitiva presidencial que ontem viajou ao Estado de Goiás.

Apesar de os ministros do PMDB não estarem sendo diretamente atingidos pela política de retaliação, na bancada do partido na Constituinte o clima é de expectativa em relação às ameaças de demissão no segundo e no terceiro escalões do Governo. O líder do partido no Senado, Fernando Henrique Cardoso, afirma não ter feito nenhuma indicação para a Cosipa, cujo presidente é constantemente ameaçado pelo fato de ser seu amigo. Segundo o senador, Sarney absorveu com facilidade o sistema parlamentarista de governo, "tanto assim que já nomeou o ministro Antônio Carlos Magalhães para o cargo de primeiro-ministro".

Dentro do PMDB, atribui-se a Antônio Carlos todas as pressões que estão sendo feitas para afastar o partido do Governo. A eventual nomeação de um ex-secretário de seu governo na Bahia para a superintendência da Sudene, segundo os parlamentares do PMDB, tem alvo duplo: os governadores Waldir Pires e Miguel Arraes, os que mais trabalham em favor dos quatro anos.

Apontado como o alvo principal do Governo, ministro Renato Archer, tem, por isso, recebido as maiores atenções do Presidente, que despachou em caráter de urgência o Plano de Reclassificação de Cargos e Carreiras do Ministério da Previdência, evitando a deflagração de uma greve, da qual foi advertido por Archer, caso a mensagem do Executivo não fosse en-